

O professor como cuidador

Jacqueline Poersch Moreira
Alfredo Cataldo Neto
Ângela Pradini Seger
Gilze de Moraes Rodrigues
Jairo Melo Araújo
Jurema Kalua Potrich
Maria Lucia de Moraes

Resumo: O presente artigo foi escrito pelos integrantes da equipe do Centro de Atenção Psicossocial (CAP), ligado à Pró-Reitoria de Ações Comunitárias da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). Traz pequena reflexão a respeito do mito de Quiron como mestre e cuidador, articulando-o à função do professor em suas principais atribuições junto aos alunos ou 'discípulos'. A seguir, apresenta considerações a respeito das atribuições do professor, principalmente no que se refere ao cuidado com o estudante tanto do ponto de vista pedagógico quanto do aspecto saúde, e na concepção de bem-estar em todos os aspectos existenciais. Prossegue com apontamentos em relação aos cuidados que o professor precisa ter consigo próprio para exercer seu magistério em plenitude. Finaliza com algumas considerações sintetizadoras das idéias apontadas ao longo do artigo, complementando com breve apresentação do trabalho realizado no CAP, equipe que acolhe e procura cuidar da saúde de colegas e estudantes no âmbito universitário.

Palavras-chave: Formação profissional. Relação cuidador-cuidado.



Equipe do Centro de Atenção Psicossocial do Hospital São Lucas (PUC/RS)

O Centro de Atenção Psicossocial (CAP) reúne equipe multidisciplinar composta por um professor da Faculdade de Serviço Social, duas professoras da Psicologia e duas da Educação – uma da área de Psicopedagogia e a outra, de Educação Especial –, além de um professor da Psiquiatria. Este serviço foi criado com o objetivo de oferecer atenção aos alunos e professores das diversas unidades acadêmicas, acompanhando o processo ensino-aprendizagem e encaminhando-os, quando necessário, a serviços especializados, tanto internos quanto externos. O serviço se propõe, também, a prestar assessoria individual ou grupal a professores, coordenadores e diretores de unidade no que se refere a dificuldades apresentadas por alunos ou docentes no transcurso de suas trajetórias acadêmicas.

Jacqueline Poersch Moreira

Pró-reitora de Assuntos Comunitários da Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), psicóloga e coordenadora da equipe do Centro de Atenção Psicossocial (CAP), da PUCRS

Alfredo Cataldo Neto

Médico-psiquiatra, professor adjunto do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da PUCRS e psiquiatra da equipe do CAP

Ângela Pratini Seger

Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS e psicóloga do CAP

Gilze de Moraes Rodrigues

Professora da Faculdade de Educação da PUCRS e psicopedagoga do CAP

Jairo Melo Araújo

Professor da Faculdade de Serviço Social da PUCRS e assistente social do CAP

Jurema Kalua Potrich

Professora da Faculdade de Educação da PUCRS e educadora especial do CAP

Maria Lucia de Moraes

Professora da Faculdade de Psicologia e psicóloga do CAP

O mito de Quiron

Quiron, o centauro mestre e curador citado na mitologia grega, representa interessante concepção a respeito das vicissitudes vividas pelos profissionais que optam por ofícios ligados ao cuidado com o outro, seja no aspecto da saúde ou no da educação, mais especificamente. Filho de relação adúltera entre Saturno e a ninfa Philyra, Quiron – metade humano, metade cavalo – é adotado por Apolo e Athena.

Recebendo de seus pais adotivos ensinamentos a respeito das artes, ciências e adivinhações, Quiron torna-se mestre em todas as áreas do conhecimento, fundando o Quironion, templo de cura e autoconhecimento. Para lá as pessoas se dirigiam tanto para aprender artes e ciências quanto para conhecer a si mesmas e curar-se das doenças do corpo e espírito. O ofício de curador praticado por Quiron desenvolveu-se extraordinariamente após um acidente no qual foi ferido por flecha envenenada. Assim, descobre em si mesmo a dor que curava nos outros, aprofundando sua sensibilidade em relação ao sofrimento e à terapêutica indicada.

A trajetória de vida do mestre cuidador apresenta características similares ao mito encarnado por Quiron: a transgressão, rejeição, transformação e sofrimento. É próprio desse mito o elemento *transformação*, no sentido em que a morte, simbolicamente representada pela ferida, transgressão e rejeição, passa por um processo evolutivo, resultando daí o ofício de cuidador, complementando o ciclo morte/vida. Renascendo a partir das feridas da existência, o sujeito assume o cuidado com o outro, vivendo assombrado pelo sofrimento próprio que, se ao mesmo tempo o deprime, o torna extremamente sensível ao sofrimento alheio. Considerando a ferida humana básica como propulsora da busca pelo conhecimento, é possível compreender o lugar do professor como alguém que cuida do outro enquanto iniciante dessa trajetória.

Ensinar e cuidar; ensinar é cuidar

O ensino brasileiro passou por transformações substanciais a partir da década de 60, influenciado pelo pensamento de Paulo Freire¹. Essas mudanças voltaram o foco da educação para a pessoa do educando, exigindo dos professores atenção especial manifestada tanto no aprimoramento pedagógico como no desenvolvimento de habilidades, atitudes e capacidades de estabelecer relações socioafetivas. De acordo com as idéias freireanas, a sala de aula passou a ser compreendida como espaço multifacetado e dinâmico que oportuniza diversas aprendizagens concomitantes, incluindo as refrações de ordem social.

A década de 70, no entanto, trouxe novas transformações, alterando o paradigma que se centrava na pessoa do educador, concebido, segundo Masetto, como transmissor de conhecimento específico, tecnicista e desarticulado das outras dimensões da condição humana². Para Grillo e Lima, esse pensamento caracteriza-se por *uma forma autoritária de pensar a organização e a realização do ensino que traduz o desrespeito à autonomia e a falta de confiança na capacidade dos alunos*³. Desse modo, esse sistema, centrando sua atenção na aquisição de conhecimentos específicos, descurou-se das demais dimensões que compõem o processo ensino-aprendizagem.

Notadamente a partir dos anos 1990, passou-se a considerar a cidadania no seu sentido de vínculo social, responsabilidade e ética. Houve transformações significativas nas estruturas produtivas, de acordo com os modelos criados

pela globalização. Assim, a ação pedagógica tem procurado capacitar os estudantes para que desenvolvam novas competências e habilidades profissionais. No entanto, no momento atual, torna-se fundamental que o professor não perca o sentido fundamental de seu ofício, isto é, assuma o processo pedagógico como libertador, produtor de autonomia e cidadania plena. Dessa forma, sua identidade é construída a partir de duas dimensões indissociáveis: a pessoal e a profissional. Sobre isso, Nóvoa destaca: *ser professor obriga a opções constantes que cruzam nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser*⁴.

O que remete a pensar que a ação docente não pode ser compreendida apenas como técnica, mas, pelo contrário, que esse fazer pedagógico é também reflexo do professor; que a dinâmica de ensinar e aprender se constrói na relação com o outro – aluno, colega, comunidade escolar –, com o saber sistematizado e na relação do mesmo com o saber dos discentes e vínculos construídos nessas relações. A prática docente revela um movimento dinâmico e mutável, vivenciado no contexto da ação, envolvendo teoria e prática e sendo diariamente reconstruído sob um enfoque reflexivo e crítico.

Grande parte dos alunos que ingressam nas universidades são jovens em busca de modelos para identificação. Um professor atento e com capacidade de tolerar, entender, procurar novas formas de atingir seus alunos tem papel preponderante na formação pessoal de cada um deles. Fazer a leitura de um comportamento inadequado, como um pedido de atenção e

ajuda, pode salvar um ser humano. Pelo acúmulo de trabalho e falta de tempo, o professor pode ser facilmente levado a não atentar para detalhes, contudo determinantes. Quando se está em sala de aula exercendo o papel de professor, percebe-se perfeitamente o clima geral da sala, o olhar ou postura dos alunos. Se a prática adotada inclui prestar atenção a esses aspectos, podemos perceber alterações ou alguma característica particularmente notável. Chegar mais perto fisicamente, demonstrar interesse, perguntar... Será que podemos fazer isso? Quem não aprecia e necessita aproximação afetiva?

Quando a aproximação ocorre com um professor torna-se mais potente e determinante, pois, geralmente, é a primeira figura significativa fora do âmbito familiar. Nos primeiros anos escolares da criança, os pais costumam utilizar uma frase que demonstra a importância do professor: Meu filho, ele(a) vai cuidar de ti enquanto a mãe/pai estiver longe. Sempre que alguém recorda professores que passaram por sua vida, suas atitudes são mais lembradas que os conteúdos teóricos que transmitiram. Um professor pode detectar situações sérias na vida de um aluno. Problemas de saúde, adições (álcool, drogas), dificuldades emocionais ou de relacionamento podem ser sanadas ou minimizadas a partir da intervenção de um professor que, de fato, olhe para o seu aluno.

Cuidando de si

Olhar para o outro, responsabilizar-se por sua educação, dedicar-se a seu cuidado requerem especial atenção do cuidador em relação a si mesmo. Cuidar do outro sem cuidar de si cos-

tuma produzir conseqüências negativas tanto na qualidade da ação pedagógica como na relação professor-aluno. Certamente, há fatores que envolvem a conjuntura social contemporânea e que transcendem às ações individuais dos educadores. No entanto, dentro das possibilidades, faz-se necessário prestar a devida atenção aos sinais que o próprio organismo envia constantemente.

Retornando ao mito de Quiron, a dualidade vivida pelo curador – curar o outro e não conseguir curar a si mesmo – gera angústia e sentimentos de impotência. É fundamental que o professor possa reconhecer sua própria ferida, entregando o cuidado da mesma a outro cuidador, em atitude de aceitação da própria limitação. Entregar-se aos cuidados do outro, por si só, representa importante passo terapêutico.

As condições adversas com as quais os professores de qualquer grau de ensino trabalham atualmente é fato sabido. O contato com estudantes de diferentes classes sociais, as exigências institucionais a que estão submetidos, muitas vezes a precariedade de recursos técnicos ao seu dispor, a carência de tempo para aperfeiçoar-se, as dificuldades financeiras, entre outros aspectos, fazem do professor um provável candidato a desgastes psíquicos. Premido entre as exigências da instituição educacional e as solicitações dos estudantes, esses profissionais têm sido frequentemente vitimados por estresse mais ou menos agudo. Mosquera e Stobaus classificam como doença social o mal-estar que acomete o docente, considerando que pode ter como causa *a falta de apoio da sociedade aos professores, tanto no terreno dos objetivos de ensino como*

*nas compensações materiais e no reconhecimento do status que se lhe atribui*⁵.

Pesquisas realizadas com diversos profissionais, entre os quais o professor, apontam para a presença da síndrome de *Burnout*, afecção descrita por Maslach e que caracteriza-se pela presença de *exaustão avassaladora, sensações de ceticismo e desligamento do trabalho, uma sensação de ineficácia e falta de realização*⁶. Quando o professor se sente desamparado frente aos desafios que deve enfrentar em seu trabalho, com dificuldades para compartilhar suas preocupações com colegas e pressionado pelo temor, entre outros, de perder seu emprego, corre sérios riscos de adoecer. Antes de mais nada, deve contar com um serviço, na instituição onde trabalha, cujo principal objetivo seja ouvir suas queixas, compreendê-las e procurar auxiliá-lo a buscar os recursos necessários para a recuperação e manutenção de sua saúde em todos os planos – física, psíquica, social e culturalmente. A instituição educacional que mantém tal tipo de serviço certamente preocupa-se com o bem-estar de seus professores, procurando assegurar-se de que tenham amparo e escuta nos momentos críticos de suas trajetórias pessoais e profissionais.

Considerações finais

Uma reflexão sobre a ação do professor, enquanto cuidador, no contexto universitário, poderia parecer um tanto vazia, mas não é o que tem demonstrado a prática cotidiana no CAP. Na verdade, quando se trabalha diretamente na formação da pessoa, em sua integridade, não se pode pensar que a ação possa ser

parcial a ponto de lidar apenas com a construção do conhecimento. O processo do ensinar e aprender acontece no âmbito das relações interpessoais e deve abranger a pessoa inteira, com sua bagagem cultural, emoções e história de vida. Assim, no momento em que se está diante desse sujeito-aluno, revela-se a amplitude e a surpreendente profundidade implícita ao ser humano.

Em decorrência disso, não adianta pensar apenas nos aspectos pertinentes à transmissão do conhecimento, pois no processo de trabalho vários serão os momentos de parar e refletir para poder auxiliar o aluno a enfrentar as questões que, permeando suas ações, passam a comprometer seu desempenho e relações com o outro.

Significativamente, tem-se recebido e atendido no CAP o professor preocupado e profundamente mobilizado na busca do auxílio ao aluno com dificuldades para o enfrentamento da própria vida. Vê-se, com clareza, a pessoa do professor, o ser humano que se preocupa com o outro, que coloca em prática a ética a favor da vida, que dignifica e qualifica o *ser professor*, cuidando da formação integral da pessoa sob sua orientação, em qualquer etapa da vida, independente do contexto educacional no qual esteja inserida. O aluno universitário, adolescente ou adulto, como pessoa em processo contínuo de formação, tem mobilizado o cuidador em cada um de nós, professores universitários. Ingênuo seria pensar passar incólume pelas relações pessoais inerentes ao processo de ensinar e aprender sem colocar em jogo a acolhida, o afeto, a atenção ao outro, presente no cerne dessa relação.

Também merece reflexão o momento em que se presencia o emergir dessas questões com mais força: o momento da prática. Quando o aluno experimenta a ação específica do exercício de sua futura profissão, entra no contexto relacional com aqueles que necessitarão de seu estímulo. Nesse momento, toda sua força é exigida, pois a prática não admite a passividade da sala de aula, na qual pode abrigar-se como um aluno dentre os demais. O professor-supervisor das práticas e estágios, que acolhe os anseios e angústias do aluno-estagiário, encontra-se, muitas vezes, ante desafios que superam a possibilidade de responder sozinho à situação. Portanto, faz-se também fundamental que esse professor-cuidador possa contar com suporte interdisciplinar, que compartilhe o auxílio a ser oferecido ao aluno. Nesse sentido, a experiência do CAP tem sido significativa, comprovando a necessidade da escuta e atenção a dupla professor-aluno.

Na vida universitária e, especificamente, na formação daqueles profissionais que terão a

vida dos outros em suas mãos, convive-se com uma perspectiva ampliada e aprofundada do que significa ser professor. Ao contrário do que se poderia pensar do professor universitário, alguém preocupado apenas com os afazeres acadêmicos ligados ao saber, tem-se verificado, no atendimento do CAP, que os docentes estão sensíveis à complexidade da tarefa educativa no envolvimento integral ao estudante e engajados no desempenho dessa tarefa.

Desse modo, o objetivo primordial do CAP tem sido o de ouvir o que professores e estudantes têm a dizer, para pensar, em conjunto, formas integradas e interdisciplinares de responder às situações do ensino. A ação desenvolvida tem produzido efeitos importantes no que se refere a posicionamentos que os professores – mais especificamente – precisam tomar no sentido de privilegiar o cuidado com seus alunos, bem como consigo próprios, tanto no plano individual quanto no coletivo, considerando seu papel como participantes de uma comunidade acadêmica inserida num contexto social mais amplo.

Resumen

El profesor como cuidador

Este artículo fue escrito por los integrantes del equipo del Centro de Atención Psicosocial (CAP), articulado con la Pró-Rectoría de Acciones Comunitarias de la Pontificia Universidad Católica (PUCRS). Trae una breve reflexión sobre el mito de Quirón como maestro y cuidador, relacionándolo con la función del profesor en sus principales atribuciones junto a los alumnos o discípulos. En la secuencia, presenta consideraciones sobre las atribuciones del profesor, principalmente en lo que se refiere al cuidado con el estudiante, tanto desde el punto de vista pedagógico, como sobre el aspecto salud, en su concepción de bienestar en todos los aspectos existenciales. A continuación se realizan señalamientos con relación a los cuidados que el profesor necesita tener consigo mismo para que pueda ejercer plenamente su magisterio. Finaliza con algunas consideraciones que sintetizan las ideas señaladas a lo largo del artículo, complementando con una breve presentación del trabajo realizado en el CAP, por el equipo que acoge y busca cuidar de la salud de los compañeros y estudiantes en el ámbito universitario.

Palabras-clave: Formación profesional. Relación cuidador-cuidado.

Abstract

Professors as caretakers

This article was written by members of the Centre of Psychosocial Attention (CAP) equip, linked to the Pro Rectory of Communitarian Actions - Pontifícia Universidade Católica (PUCRS). It proposes a reflection on the Quiron myth, as a master and caretaker, making a link between it and the professor rule, in his/her main attributions with relation to students or disciples. Moreover, we present considerations on the professor's attributions, especially those related to caring of students, in pedagogic, health and welfare and existential aspects. There are also some points related to professor's self-care needed in order to carry out his/her profession perfectly. It ends with some considerations that synthesize the ideas pointed throughout the essay, complementing with a brief presentation of the work developed at CAP, as an equip that shelters and tries to take care of other colleagues and student's health, within the university.

Key words: Professional formation. Relation between caretaker and cared person.

Referências

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)
2. Masetto M, organizador. Docência na universidade. São Paulo: Papirus, 1998.
3. Lima VMRA, Grillo MC Aula universitária: espaço de parcerias ou de resistências? In: Anais do Quarto Seminário Nacional de Pedagogia Universitária, 2006. p.2.
4. Nóvoa A. Dize-me como ensinas e dir-te-ei quem és e vice-versa. In: Fazenda I, organizador. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. Campinas: Papirus, 1997. p.31.
5. Mosquera JMM, Stobaus CD. O mal-estar na docência: causas e conseqüências. Revista da ADPU-CRS/ Associação dos Docentes e Pesquisadores da PUCRS 2000;1:25.
6. Maslach C. Entendendo o burnout. In: Rossi AM, Perrewé PL, Sauter SL, organizadores. Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional. São Paulo: Atlas, 2005. p. 42.

Contato

Alfredo Cataldo Neto - cataldo@pucls.br